MADELINE
HUNTER
SEGREDOS DE UM PECADOR
Com um toque ele pode levá-la à ruína – ou à mais deliciosa perdição.
ARQUEIRO

O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

CAPÍTULO 1

Silêncio. Um núcleo escuro e calmo absorve o caos em sua quietude.

O ritmo tranquilo da inspiração e da expiração.

Uma pulsação. A vibração fundamental da natureza estendendo-se ao infinito. Consciência de tudo e de nada. Nenhum pensamento. Nenhum sonho. Nenhum desejo. Pura existência. Conhecimento primordial.

E então flutuar no núcleo. Finalmente. Singular, mas ao mesmo tempo transcendente. Apenas um pulsar no escuro. Só, mas integrado a um ritmo maior, o...

Uma perturbação. Um grito ao longe, cauteloso e preocupado, invadindo o vazio perfeito.

– Por que está se esgueirando por aí, Phippen?

– Peço desculpas, senhor. Achei que... O senhor parecia estar dormindo, então pensei em entrar e levar a bandeja...

Um grito mais alto. Agora de medo. Sempre. O mundo urrava de medo.

– Sairei imediatamente, senhor.

– Leve a bandeja, Phippen. Vamos fazer a interrupção valer a pena, pelo menos.

Caos. Consternação. A delicada cacofonia de metal e louça caindo.

– Minhas mais profundas desculpas, senhor. A banqueta... Limparei isso do tapete em dois tempos. Terei saído antes que o senhor possa dizer "Phippen é um tolo".

– Phippen é um tolo. Minha nossa, você ainda está aqui.

Barulho. Sons tanto audíveis quanto espirituais. Desespero entre os tilintares e suspiros. O núcleo escuro encolhendo, encolhendo...

Christian, o marquês de Easterbrook, abriu os olhos para ver o criado intrometido que acabara com sua meditação. Phippen, o novo pajem, tentava pegar o conteúdo da bandeja sem fazer barulho. Impossível, é claro. A mera presença de uma pessoa já significava barulho.

Enrubescido e de quatro, Phippen cuidadosamente colocava o copo sobre a bandeja, contraindo-se a cada mínimo ruído. Pegou o próprio lenço para limpar a poça de café que ameaçava manchar o tapete.

Medo. Preocupação. Raiva também. Irritado consigo mesmo e com o novo patrão, cujos hábitos tornavam seu trabalho tão difícil.

Phippen não ficaria muito tempo. Os pajens nunca ficavam.

Christian se levantou da poltrona e caminhou até o rapaz.

– Pode me dar a bandeja. Eu seguro enquanto você recolhe as peças.

– Pois não, senhor. Obrigado, senhor. É muita gentileza sua, meu senhor.

Você é um idiota, senhor. Excêntrico, instável, incompreensível...

Outra perturbação. Um tremular estranho no que restava do núcleo esmaecido.

Christian fechou os olhos e se concentrou naquele tremor. Distante, porém discernível, vinha interferindo em sua meditação com muita frequência ultimamente. Hoje, Christian havia levado uma eternidade para superar seus efeitos.

Caminhou até as janelas viradas para o norte. Não havia ninguém no jardim. Atravessou todo o quarto de dormir para olhar pelas janelas com vista para o sul. Phippen, que estava ajoelhado, tremeu quando o patrão se aproximou. Christian pegou o pires de suas mãos trêmulas e o colocou sobre a bandeja, devolveu-a bruscamente ao pajem e seguiu andando. O som da porcelana caindo novamente chegou até ele assim que se aproximou da janela.

Na rua, uma carruagem esperava diante da porta de sua casa. Alguém entrou rapidamente nela, evitando a garoa tão comum às primaveras de Londres. Uma mulher de altura mediana e passos ligeiros, usando um vestido verde-escuro, adentrou a penumbra da carruagem. Nariz delicado. Queixo elegante.

Um suspiro melódico do passado. Ele teve certeza de que o escutara, apesar da distância e da janela fechada.

As últimas névoas da meditação o deixaram. Sentiu uma pulsação diferente. Forte. Agressiva. Fixou o olhar na carruagem.

Daquele ângulo, o rosto da mulher ficava oculto pelo chapéu e pela escassez de luz. O lacaio fechou a porta e ela puxou a cortina.

A mão. A mão *dela*. Impossível...

O lacaio contornou a carruagem e assumiu seu assento à chuva. Só então Christian notou o homem. Sua atenção estava tão voltada para a mulher que ele nem havia percebido os trajes orientais do lacaio e sua longa trança.

– Um casaco, Phippen. Botas.

O pajem se levantou com cuidado, equilibrando penosamente a bandeja.

– Está bem, senhor. Só vou colocar isso do lado de fora e...

Christian agarrou a bandeja e a bateu com tanta força sobre uma mesa que a louça pulou.

– *Botas*, rapaz. *Já*.

~

Mesmo sendo apenas algumas peças, vestir-se demorou demais. Christian se deu conta disso quando descia para a área social da casa.

Foi alertado pelo bom senso quando estava no último lance das escadas. Aquela carruagem já teria ido embora há tempos, mesmo com a multidão nos arredores da Grosvenor Square. A pé ou a cavalo, ele nunca conseguiria segui-la.

Deu meia-volta, caminhou até a sala de visitas e entrou.

Sua tia Henrietta e a jovem prima Caroline estavam acomodadas no canapé junto a uma das grandes janelas. Ao se aproximar, percebeu que as duas loiras cochichavam. Provavelmente sobre os avanços de Caroline em sua segunda temporada de eventos sociais. A ansiedade a respeito disso inundava os cômodos do andar de baixo. Respingara nele assim que abrira a porta.

Henrietta o cumprimentou com um olhar vago e brilhante e um sorriso vazio e artificial. Ela tentou disfarçar quanto aquela interrupção a irritava, porém Christian percebeu isso tão bem quanto se fosse expressado em voz alta. Henrietta e a filha viviam ali só porque, em um raro surto de generosidade um ano atrás, ele o permitira. Agora, Hen queria que todos a vissem como dona da casa, não uma hóspede. Como ele não aceitava aquilo de modo algum, sua companhia nunca era bem-vinda.

– Levantou cedo hoje, Easterbrook.

Henrietta deixou transparecer certo alívio ao ver que ele calçara botas, mas seus olhos também refletiram sua infinita aflição pelo fato de ele estar sem gravata e com os cabelos desgrenhados.

– É inconveniente para a senhora, tia Hen?

– Longe de mim considerar uma inconveniência. A casa é sua.

– Achei que ainda pudesse ter visita. Notei uma carruagem de minha janela e hesitei em descer até que a pessoa tivesse ido embora.

– Deveria ter se juntado a nós – disse Caroline. – É provável que apreciasse mais a companhia dela do que mamãe. Nossa visitante é bem singular. Fiquei surpresa por mamãe não a ter mandado embora.

– Quase mandei – confessou Hen. – No entanto, nunca se pode prever a reação de gente desse tipo. Sua fortuna e seus antecedentes são questionáveis, mas existe a chance de os anfitriões fazerem vista grossa a isso por ela ser divertida. Se a excluísse agora, em que posição ficaria mais tarde, quando ela fizesse outros contatos?

A tia balançou a cabeça de forma exasperada e perplexa.

– É sempre difícil julgar os esquisitos. Mas ela não é propriamente esquisita. Não como Phaedra. Diria que é exótica. Existe uma diferença, Caroline, e é preciso ficar alerta e tomar cuidado para...

– Qual é o nome dela? – perguntou Christian.

A tia piscou, surpresa. Ele nunca demonstrara interesse por suas visitas.

– Era a Srta. Montgomery – contou Caroline. – Mamãe e eu a conhecemos em uma festa na semana passada. O pai era comerciante no Extremo Oriente, mas ela alega uma relação com a nobreza de Portugal por parte de mãe. A Srta. Montgomery está visitando Londres pela primeira vez. Veio de Macau.

– O que ela queria? – perguntou Easterbrook.

Henrietta olhou para ele com curiosidade.

– Foi uma visita social – respondeu a tia, intrigada. – Ela só quer fazer amizades que a ajudem a circular na temporada de eventos sociais.

– Eu a considero muito interessante – acrescentou Caroline.

– Interessante demais para ser amiga de uma jovem – repreendeu-a Henrietta. – Ela é mundana demais para se aproximar de você, Caroline. Suspeito que seja uma aventureira.

– Eu não acho – rebateu Caroline. – Também a considerei muito mais estimulante do que a maioria das pessoas que nos visitam.

Christian saiu da sala enquanto a tia e a prima discutiam sobre a Srta. Montgomery. Foi procurar o mordomo para saber que endereço constava no cartão de visita da mulher.

~

Leona Montgomery contornou Tong Wei e inclinou a cabeça na direção do espelho. Olhou seu reflexo com censura enquanto amarrava o chapéu.

Jovem, mas não exatamente. Bonita, mas não exatamente. Inglesa, mas não exatamente.

Ela sentia que as pessoas em Londres avaliavam com muita atenção quem ela era e os traços de sua fisionomia. Era diferente em Macau. Lá, todos eram "não exatamente" alguma coisa.

Tong Wei, que estava ajoelhado, finalmente se levantou. Leona olhou para a estátua de Buda diante da qual ele estivera. Ela era cristã, mas entendia muito bem a devoção de seu guarda. As visões religiosas asiáticas permeavam tudo na China, mesmo entre a comunidade europeia.

– Eu deveria ir com a senhora – disse Tong Wei.

Sua expressão permaneceu impassível, mas Leona sabia que ele se preocupava com sua segurança naquela cidade barulhenta e abarrotada de estranhos.

– Seu irmão esperaria isso de mim.

– Quero ser discreta.

Ela olhou para seu vestido de passeio cinza. Extremamente inglês, fora entregue pela modista no dia anterior.

– Já que se recusa a se vestir como um lacaio inglês, não pode me acompanhar.

Ambos sabiam que mesmo as vestimentas inglesas não deixariam Tong Wei parecido com um típico lacaio inglês. As sobrancelhas raspadas e a longa trança, o rosto redondo e os olhos puxados evidenciavam que ele era chinês, ainda mais do que o tecido ricamente bordado em tons de carmim que compunham suas roupas exóticas.

– Leve Isabella com você – disse ele. – Não é comum ver mulheres sozinhas. Não as de alta classe.

Isabella olhou para a frente. Seu pincel ficou paralisado, apoiado sobre o papel em que ela desenhava lindas imagens sobre suas aventuras.

– Eu não me importo em usar minhas roupas inglesas – disse ela. – Tong Wei pode achá-las bárbaras, mas não sou tão purista.

Isabella não se referia apenas a suas opiniões. Metade chinesa e metade portuguesa, ela era um híbrido de Oriente e Ocidente. Se no momento usava um vestido chinês folgado, era tanto por ser confortável quanto por preferi-lo.

– Não devo me demorar na Royal Exchange. Só quero ver como esse enorme centro de comercialização está organizado, para poder entrar com confiança da próxima vez. Se for parecido com o que há em Cantão, estará tão movimentado que ninguém vai notar minha presença.

Leona imaginava que seria assim. Sua roupa fora escolhida pela discrição. Havia momentos em que ela não queria chamar a atenção de forma alguma.

– E se vir Edmund lá? – perguntou Isabella.

Um pequeno tremor de mau presságio e empolgação tomou conta de Leona. A reação contraditória acontecia sempre que Edmund era mencionado nessa viagem.

– Não vou encontrá-lo. Cavalheiros não se metem com comércio.

Vindo a Londres, ela se dera conta de que Edmund fora um cavalheiro no verdadeiro sentido inglês da palavra. Ela agora entendia o que aquilo significava no mundo de seu pai.

É claro, um homem podia ser um cavalheiro e ainda ser o que Edmund alegara: um naturalista, um aventureiro. Podia até mesmo ser um ladrão.

– Então talvez, mais cedo ou mais tarde, você o encontre em uma das residências que visita – aventou Isabella.

Seria útil se encontrasse. Ela suspeitava que uma de suas missões em Londres seria realizada muito mais rapidamente se ela e Edmund se reencontrassem. *A propósito, Edmund, qual o seu nível de canalhice?*

Ela verificou seu reflexo de novo. Não era totalmente inglesa, mas era inglesa o bastante para a tarefa daquele dia.

– Duvido que eu demore mais de duas horas – disse ela. – Enquanto eu estiver fora, Isabella, por favor, veja se consegue estimular aquela cozinheira que contratei a fazer um jantar menos insosso.

~

A Bury Street era mais calma do que a St. James Square, ali perto. E também muito menos cara. Leona continuava preocupada de não ter escolhido um endereço bom o bastante, mas não podia pagar nada melhor.

Ela estranhou quando saiu de casa. Franziu a testa e olhou para a direita e para a esquerda. Para onde fora a carruagem? Estivera esperando-a ali poucos minutos antes quando ela fora colocar o chapéu.

Um imponente coche bloqueava sua visão da extremidade sul da rua. Ela ficou na ponta dos pés e inclinou a cabeça para olhar atrás dele. Perto do cruzamento seguinte, vislumbrou a carruagem que havia alugado pelo período de sua estada. Reconheceu o Sr. Hubson, o cocheiro, que fora indicado pelo estabelecimento onde contratara o aluguel.

Talvez a chegada do coche tão luxuoso tivesse exigido que o dela se retirasse. Ainda não estava familiarizada com todos os costumes da cidade.

Ela acenou para o Sr. Hubson e caminhou na direção dele. Ao passar ao lado do grande coche, um homem apareceu em seu caminho.

– Srta. Montgomery?

Leona ficou surpresa por ele se dirigir a ela. Jovem e loiro, tinha uma expressão de deferência no rosto, apesar da abordagem inesperada. Um lacaio, ela imaginou, mas ele não usava a vestimenta dos outros dois lacaios que acompanhavam o grande veículo. Estes se afastaram, posicionando-se fora do seu campo de visão, bem atrás dela.

– Sim, sou a Srta. Montgomery. Quem é o senhor e o que deseja?

Ele apontou para a porta do coche. Havia uma insígnia. Um brasão. O jovem presunçoso era empregado de um dos nobres da região.

– Meu senhor solicita sua presença – disse ele. – Vamos levá-la à casa dele e trazê-la de volta depois.

– Enviar um convite por escrito não seria mais educado do que mandar que me interpelem no meio da rua?

– Lorde Easterbrook tem hábitos pouco usuais e é impulsivo em seus convites. Ele não teve a intenção de ofender, posso lhe garantir.

Leona assimilou essa revelação a respeito do dono do coche. Tinha ido à casa de Easterbrook dois dias atrás, em uma visita a sua tia viúva, Lady Wallingford.

Provavelmente o marquês pretendia lembrar à filha de comerciantes que ela não era companhia adequada para sua tia. Ele podia ter feito o comunicado por carta, em vez de encenar esse pequeno teatro para exibir seu poder.

Ela temia perder o contato com Lady Wallingford antes de colher os frutos que ele poderia dar. Aquela possibilidade não criava simpatia de sua parte pelo tal Easterbrook, nem o fato de ser convocada como se fosse uma escrava.

– Sei onde fica a casa de lorde Easterbrook. Vou em minha própria carruagem, obrigada. Por favor, volte e diga ao seu senhor que lhe farei uma visita no devido tempo.

Ela tentou desviar do jovem. Ele a impediu com um passo para o lado.

– Meu senhor ordenou que a levasse, Srta. Montgomery. Não ouso desobedecê-lo. Por favor...

Ele estendeu o braço na direção da porta da carruagem, bloqueando ainda mais o caminho.

Ela olhou para a rua atrás dele. Seu cocheiro havia desaparecido, abandonando o veículo e a passageira. Ela calculou a distância até sua casa e pensou se Tong Wei ouviria se gritasse.

Tentou esconder a preocupação cada vez maior.

– Por favor, diga ao marquês que sinto muito, mas tenho outro convite que ocupará a tarde de hoje. Posso visitá-lo amanhã. Com licença.

O jovem olhou para além dela, para os dois lacaios. A expressão dele fez com que os pelos da nuca de Leona se arrepiassem.

De repente, foi agarrada pela cintura.

Alarmou-se. Um grito chegou a sua garganta, mas o pânico lhe tirou o fôlego e impediu que ele saísse. A rua e as casas giravam num borrão.

Forçou-se a manter a objetividade. Já estava sentada dentro do coche, com o jovem loiro. Eles se apressavam pela rua.

Seu sangue fervia.

– Como ousa?! Exijo que pare essa carruagem e me deixe descer. Do contrário, farei uma denúncia às autoridades.

O jovem ergueu o dedo diante da boca, indicando que ficasse em silêncio. Algo em seus olhos demonstrava que o mais sábio era obedecer.

~

As lâminas de metal assobiavam cortando o ar. Christian desviava dos golpes de Angelo, o especialista em esgrima, ao mesmo tempo que testava a própria habilidade de se concentrar no duelo.

Vinha esgrimindo bastante ultimamente. No decorrer do último ano, ele havia aumentado seus aposentos e eles agora ocupavam todo o segundo andar, acima da área comum da mansão.

A lâmina cega de Angelo fez duas fintas rápidas, depois deu o bote. A ponta bateu no peito de Christian, bem no coração. Satisfeito, o mestre se afastou, ergueu a arma e fez uma saudação, curvando-se.

– Sua habilidade aumentou de maneira significativa nos últimos meses, lorde Easterbrook. Raramente vejo alguém se aprimorar com tanta rapidez.

– Venho praticando.

Angelo pegou uma toalha com o lacaio e secou a testa.

– Não é a técnica ou a prática que fazem essa diferença, mas algo difícil de nomear. Uma vivacidade recém-adquirida, talvez.

Christian não deu a explicação que o outro sutilmente pedia. Não havia como fazê-lo sem parecer louco. Além disso, Angelo não entenderia o divisor de águas pelo qual ele havia passado três meses antes.

O foco e o silêncio conquistados com a meditação finalmente haviam sido transferidos para atos físicos. Ele não precisava mais do núcleo escuro para encontrar paz. Esse controle era uma liberdade que Christian havia trabalhado muito tempo para conquistar. Anos.

– Por que não frequenta a academia, lorde Easterbrook?

Angelo se serviu do ponche que estava sobre a única mesa do cômodo.

– Haverá uma apresentação na semana que vem. Uma disputa. O senhor poderia ganhar. Não quer mostrar suas habilidades? Ninguém as conhece além de mim e desse lacaio, mas está quase à minha altura, e isso é muito raro.

– Não tenho interesse em competições. E não me importa que ninguém saiba que estou à sua altura.

– Isso é raro. A maioria dos homens se orgulha de suas conquistas e procura a fama por meio delas.

Angelo não quisera dizer "raro", mas "suspeito". Estranho. Excêntrico. Christian sabia que todas essas palavras estavam ligadas a seu nome. Por isso, Angelo, como a maioria das pessoas, tinha cautela e preocupação com ele.

Angelo pegou o casaco e o vestiu rapidamente, preparando-se para ir embora. Não foi rápido o bastante, no entanto. As intenções e considerações do homem já enchiam o ar de vibrações indesejadas.

Angelo e o lacaio saíram. Na mesma hora outro homem entrou. Passou o trinco na porta, depois caminhou até onde Christian estava.

– Nós a trouxemos. Ela finalmente saiu de casa sem aquele chinês.

Christian se serviu de um pouco de ponche.

– Conseguiu evitar um espetáculo público, Miller?

– Por pouco. Foi prudente ter levado os outros dois. Ela começou a suspeitar, então tivemos que agir rápido antes que escapasse ou gritasse.

– Vocês não a machucaram, imagino. Do contrário, terei que matá-los.

Miller tratou o alerta como uma brincadeira, mas sua arrogância e autoconfiança diminuíram o suficiente para indicar que não tinha certeza absoluta de não se tratar de uma ameaça real. Como Christian também não tinha certeza, deixou Miller suar um pouco.

– Apenas seu orgulho foi ferido, eu garanto.

Ele não podia ser repreendido por ter "agido rápido". O patrão havia ordenado que trouxesse a Srta. Montgomery, e fora exatamente o que fizera.

Jovem, ambicioso, inteligente e não muito preocupado com delicadezas exigidas pela lei, Miller servia ao patrão atual do mesmo jeito que servira a seus superiores durante uma breve passagem pelo exército – sem questionamentos. Nem de longe era tão bom nas tarefas ordinárias de um secretário quanto nas menos tradicionais, que recebia de tempos em tempos.

– Ela nos acusou de sequestro – contou Miller.

– Porque vocês a sequestraram.

– Ela disse que vai às autoridades.

– Onde ela está?

– No quarto verde. Nós a acompanhamos pela escadaria dos empregados para que Lady Wallingford não tomasse conhecimento.

Christian confirmaria se era verdade assim que saísse de seus aposentos. Se a tia estivesse desconfiada, sua perturbação ressoaria pela casa.

Ele dispensou Miller. Olhou para sua camisa, os culotes e as botas. Ponderou por cinco segundos se deveria se vestir de maneira mais apresentável para receber a Srta. Montgomery, mas decidiu ir direto ao quarto verde.

~

Leona andava de um lado para outro em sua prisão opulenta, fervilhando de irritação.

Era difícil manter a dignidade depois de ser arrancada da rua como uma bagagem perdida. Ainda assim, Leona tinha esperança de haver conseguido.

Ela passara o curto trajeto até a Grosvenor Square ignorando seu captor e tratando-o como o lacaio que era. Apenas uma vez estivera a um passo de perder a compostura, quando se dera conta de que o captor achava divertida a sua pose arrogante.

Uma semente de preocupação germinou e se esgueirou por sua fúria. Enquanto metade de sua mente se ocupava em elaborar reprimendas mordazes, a outra parte avaliava as implicações do insulto que sofrera. O modo como o marquês a tratara refletia a visão dele a respeito de sua modesta posição social.

Quando os outros soubessem de sua falta de cortesia, o imitariam. Nada, nem o sangue de sua mãe, nem as cartas de apresentação, ajudaria sua causa agora. Seus planos em Londres seriam dificultados, alguns deles ficariam quase impossíveis.

Ela parou de andar. Passou os olhos pela roupa de cama e pelas cortinas de seda verde, pelos finos móveis de mogno. Depois não viu mais nada ao redor, apenas a lembrança de seu irmão, Gaspar, sorrindo à medida que seu barco se afastava depois de tê-la transferido para o navio em Whampoa.

Gaspar lhe parecera tão jovem naquele dia – muito mais jovem do que seus 22 anos. Talvez sua confiança incondicional lhe desse uma aparência juvenil. Ele havia concordado em arriscar tudo nessa viagem. Seu patrimônio e seu futuro estavam em jogo, mas tinha entregado o destino de ambos nas mãos dela.

A imagem dele desapareceu e ela voltou a ver o luxo que a cercava. Seu coração ainda batia forte, mas não mais por orgulho ferido. Calma e determinação haviam substituído a raiva.

Seu pai havia lhe ensinado que, quando se consegue ver uma adversidade por um ângulo diferente, muitas vezes é possível enxergar uma oportunidade escondida.

Observando os acontecimentos atuais por um ângulo diferente, era possível perceber que ela acabara de obter uma audiência com um dos homens de título mais elevado da região. Um homem de tamanha importância poderia ser muito útil. Ela podia querer dar uma bofetada na cara de Easterbrook, porém seria mais prudente conquistar sua confiança.

Ela se aproximou do toucador e se abaixou para ver seu reflexo no espelho. Não tão bela, mas, com alguma sorte, bela o bastante.

Tirou o chapéu e o colocou sobre a mesa. Beliscou as maçãs do rosto para que ficassem coradas.

– Está se arrumando para mim, Srta. Montgomery?

A voz a assustou. Seu olhar se desviou do próprio reflexo para o do quarto atrás de si.

Viu botas pretas de cano alto e culotes justos nas sombras próximas à porta. Abaixou-se até que as dobras brancas de uma camisa apareceram, depois as pontas de cabelos bem pretos. O intruso parecia um criado, e bem simplório, uma vez que usava vestes tão informais.

Só que não era um criado. Sua confiança o revestia de nobreza mais do que qualquer roupa seria capaz. O corpo relaxado exalava a confiança que tinha em relação a sua posição naquele quarto e no mundo.

Ela se endireitou e imaginou que linha de raciocínio poderia impressionar um homem como ele. Virou-se para cumprimentá-lo com calma e graça.

– O senhor é lorde Easterbrook?

– Sim, sou.

– Seu convite foi inesperado, lorde Easterbrook, mas fico encantada em conhecê-lo.

Ela fez uma pequena reverência.

Ele parecia esperar algo mais. Ela não conseguiu imaginar o que poderia ser. Seu sorriso começou a parecer estranho e forçado.

Meu Deus, agora que o via dos pés à cabeça, ele lembrava muito um pirata. As botas eram de boa qualidade, mas a aparência geral não era de alguém que se importasse com moda. Os cabelos caíam em ondas soltas que passavam dos ombros. Emolduravam um rosto que, pelo que ela podia ver, era mais jovem do que esperava, e belo o bastante para tornar a falta da casaca e da gravata algo romântico, em vez de grosseiro. A vestimenta imprópria era um insulto, assim como o fato de ela haver sido sequestrada e guiada pela escadaria de serviço, mas ela não tinha como se ater a isso no momento.

Ele por fim se curvou.

– Por favor, perdoe-me pelo modo rude com que foi trazida até aqui. Minha única desculpa é minha impaciência em encontrá-la a sós.

Ele caminhou na direção dela e foi iluminado pela luz das janelas. A claridade deixou as botas ainda mais pretas e a camisa ainda mais branca. Seu rosto também ficou nítido. Olhos escuros que pareciam aquilinos devido ao foco intenso sobre ela. Uma elegância inesperada suavizava os ossos pronunciados de seu rosto. A boca larga se curvava num vago sorriso que facilmente poderia endurecer.

Uma estranha sensação tomou conta dela. Era carregada de uma precaução sombria e profunda, mas não desprovida de uma nota de empolgação. O modo como o corpo dele se movimentava... o tom de sua voz... aqueles olhos...

De repente, ela o visualizou com cabelos curtos, roupas mais apropriadas e um rosto mais jovem e menos severo. O desnorteamento se transformou em estupefação. Ela estreitou os olhos e olhou fixamente para ele.

– *Edmund?*

CAPÍTULO 2

Ele gostou de ver seu espanto. Achou divertido.

Talvez ela desse um tapa em Easterbrook, afinal.

Qual o seu nível de canalhice?

Era bem alto, ao que parecia.

– Sempre imaginei que tivesse nos enganado. No entanto, não havia me dado conta de quanto.

A voz dela indicava raiva. Ela se sentia extremamente tola. A humilhação quase enterrou a alegria pueril de revê-lo. Quase.

O ar divertido dele desapareceu.

– Você sabe por que eu não podia revelar que era Easterbrook quando cheguei a Macau.

Ela sabia, mas devia haver mais motivos do que ele estava insinuando.

As possíveis implicações de sua verdadeira identidade, para o passado e para o futuro, para os planos dela ali na Inglaterra, se misturavam na cabeça de Leona. Criavam um caos de emoções, mas a nostalgia ameaçava vencer todas as outras. Ela fez um esforço para se conter.

Uma estranheza se estabeleceu entre eles, motivada pela distância, pelo tempo e pelas dúvidas que gritavam na cabeça de Leona. O silêncio não ajudava nisso. A proximidade dele atrapalhava.

Como ele estava lindo com aqueles cabelos longos. Os anos também o haviam endurecido de todas as formas. Restavam ecos dos sofrimentos de sua juventude, mas Easterbrook não exalava mais a dor comovente de Edmund.

– Você mudou – disse ela.

– Você também.

Seu olhar indicava que ele apreciara as mudanças nela.

Ele sempre fora muito óbvio nessas questões. Sete anos atrás, não tivera a cortesia de fingir que não se sentiam atraídos um pelo outro. Deliberadamente, ele a fazia corar e ficar envergonhada. Continuava a sentir o mesmo, ainda que não demonstrasse. Sentiu-se quente, como se ele acariciasse seu corpo com o olhar.

O coração dela batia acelerado. As lembranças se libertavam, fluíam, e um desejo antigo e secreto a inundou.

Tudo voltou. Tudo mesmo, como se ela tornasse a ter 19 anos e estivesse desabrochando como mulher sob os olhos sedutores do viajante arredio. Só

que ela não tinha mais 19 anos e o viajante não era quem afirmara ser, mas um marquês. Isso mudava tudo a respeito da amizade que tiveram na época. Significava que ele havia brincado com ela da maneira mais desprezível.

A fúria subiu com rapidez e Leona se rendeu a ela.

– Seu cretino!

Ele esticou o braço e encostou dois dedos diante dos lábios dela.

– Que modo de falar. O que Branca diria?

Os lábios dela pulsaram sob aquele toque. Um tremor terrível e maravilhoso desceu até seu coração.

Ela virou a cabeça para perder o contato.

– Branca morreu – contou ela. – Faleceu há dois anos.

– Sinto muito. Ela era uma boa senhora, ainda que inconveniente.

Ela não acreditou que ele se referisse à sua perseguição com tanta casualidade.

– Meu pai também faleceu. Morreu no ano seguinte ao que você foi embora.

– Eu sei. Fiquei sabendo pela Companhia Britânica das Índias Orientais.

– Sim, imagino que um marquês consiga tudo o que quer deles. Foi dessa forma que conseguiu viajar na época? Gente comum tem que pagar pela cabine ou trabalhar em troca de uma. Imagino que um marquês precise apenas se apresentar ao capitão do navio da Companhia das Índias Orientais para conseguir uma passagem.

Ele deu de ombros, como se tais privilégios não tivessem muita importância.

– Fiquei surpreso ao saber que está usando o nome Montgomery. Não se casou com Pedro, então.

– Com a morte de meu pai, as condições financeiras da nossa casa de comércio ficaram evidentes e Pedro retirou a proposta. Todos compreenderam.

– Deve ter ficado decepcionada.

– Estava ocupada demais salvando os negócios da falência total. Consegui preservá-los para meu irmão. Depois que ele atingiu a maioridade e pôde ir para Cantão, as coisas melhoraram significativamente.

Ele sorriu. Por um breve instante, ficou muito parecido com Edmund, cujos raros sorrisos faziam seu coração se encher de alegria e alívio.

– Eu acho, Leona, que a casa de comércio melhorou em suas mãos. Seu pai confiava em você, e suspeito que seu irmão aja da mesma forma.

– Meu irmão provou ser muito capaz. Eu o ajudo quando posso, é claro. Na verdade, é por isso que estou em Londres. Pretendo me encontrar com representantes de empresas transportadoras e comerciantes com sede aqui e convencê-los a se associar à Montgomery & Tavares no comércio intracosteiro no Oriente.

Ele a avaliou novamente, com um olhar curioso e admirado. Ela manteve a atitude amigável e despreocupada.

Os olhos escuros e profundos de Christian mostravam bom humor, entusiasmo e uma familiaridade desconcertante. Seu semblante passou sutilmente de bem-apessoado para belo conforme ele pensava e uma elegância suave transparecia, suavizando seus traços.

Os instintos de Leona reagiram tal como quando ele a observava em Macau. Ela sentia algo emanando dele, algo ao mesmo tempo obscuro e perigosamente sedutor. A atenção dele se tornou invasiva, possessiva. Tentava compeli-la a explorar um mistério que seria sua ruína.

Sua inexperiência, sete anos antes, a forçara a fugir toda vez que esse poder tentava dominá-la. Agora, ali estava ela, uma mulher adulta e viajada que havia negociado com muçulmanos e enfrentado piratas e, ainda assim, queria se esconder.

Mas, em vez disso, abrigou-se em si mesma. Ergueu muros ao redor da alma, de modo que ficasse em segurança.

A suavidade dele desapareceu de imediato. O olhar se tornou penetrante, como se tentasse ver através daquela barreira.

– Então viajou até a Inglaterra para atuar como agente de seu irmão? Não veio por nenhum outro motivo?

Ele estava muito perto dela. Perto demais. Leona era obrigada a olhar para cima para ver seu rosto.

– Não havia nenhum outro motivo para vir.

– Não mesmo?

– Nenhum.

– Pois eu acho que sim.

– Meu Deus! Acha que vim procurar *você*? – indagou ela, fingindo surpresa. – Se eu conhecesse sua verdadeira identidade, certamente o teria procurado. Atrevo-me a dizer que, em um dia, pode intermediar apresentações que eu levaria semanas para conseguir. Se soubesse que Edmund era, na verdade, Easterbrook, eu o teria procurado assim que cheguei a Londres.

Ele respondeu com um sorriso lânguido. Ela podia sentir a aura dele como uma curiosa carícia, procurando brechas em suas defesas.

– Você não teria feito nada disso. Fosse eu Edmund ou Easterbrook, teria fugido e se escondido de mim.

– Eu teria me escondido de você? Por que faria isso?

– Porque eu a assusto. Aterrorizava a menina e ainda amedronto a mulher.

Ele compreendia sua reação com tanta confiança que ela ficou irritada. Endireitou os ombros.

– Você é um pouco peculiar, um tanto grosseiro, foi ofensivo hoje e era algo soturno naquela época, mas nunca foi assustador.

Ele se aproximou de repente. Ela quase deu um pulo.

Ele riu em silêncio.

– Viu só?

Ela manteve sua posição, quase encarando-o.

– Alerta não é o mesmo que assustada, lorde Easterbrook.

– Você ficou aliviada por eu ter deixado Macau. Apressou-se para me colocar naquele navio.

– Não havia escolha além de colocá-lo no navio, ou já se esqueceu?

– Havia assuntos mal resolvidos entre nós e você não ficou triste de escapar do acerto de contas. Era inocente e pura demais para entender que me desejava na mesma medida em que eu a desejava.

– Está errado, mas isso tudo já passou. Não sou mais uma garota ignorante, e você não é mais Edmund. Essas duas diferenças mudam tudo.

– Na verdade, Leona, desde que entrei neste quarto, descobri que o tempo, o lugar e o nome não mudam certas coisas.

Não, não mudam. Raios! Raios *o* partam!

Ele se aproximou ainda mais, o bastante para dominá-la com sutileza.

A curva rígida da boca combinava com a presunção dos olhos. Ele podia perceber que ela estava muito abalada por ele. Sabia que ainda era capaz de transformá-la naquela menina de 19 anos prometida a um noivo que, nem de longe, a excitava como o belo estranho que se hospedava na casa de seu pai.

No entanto, uma coisa *havia* mudado. Mulher, ela entendia o apelo dele de maneira que a menina não era capaz. Reconhecia sua reação à sedução dele como o estímulo sexual que era. Preocupava-se que ele tivesse consciência disso também.

Leona tentou se afastar. Ele pegou em seu braço, impedindo-a. Puxou-a em sua direção. A ousadia a surpreendeu.

Tocou o rosto dela, fazendo-a imobilizar-se. Seu olhar exigia obediência. Os pensamentos dela giravam em torno de objeções incoerentes quando ele puxou sua cabeça para trás.

Lábios quentes e secos tocaram os dela e se demoraram. Ele ainda era capaz de hipnotizá-la.

Calor. Uma intimidade tão imediata e profunda que não parecia normal. Tremores sensuais e um arrebatamento cada vez maior.

Foi como se todos aqueles anos desaparecessem e ela estivesse novamente sendo beijada pela primeira vez por um jovem impulsivo de espírito obscuro

e caótico – um homem perigoso que oferecia aventuras do corpo e do coração que ela não ousara aceitar.

Nenhuma desconfiança conseguiu se sobrepor àquele beijo enquanto ele durou. Emoções juvenis a renovaram como uma brisa costeira. A excitação fez seus seios formigarem e o ventre se contrair, provocando sensações cruéis na parte baixa de seu corpo.

Ela se conteve para não demonstrar quanto ele mexia com ela. Um suspiro mais profundo e eles provavelmente acabariam sobre aquela cama verde. Ela não o repeliu, no entanto. As sensações eram tão estimulantes que lhe faltavam forças para isso.

– Você é um enigma, Leona – murmurou ele, com a mão ainda no rosto dela e a boca perto de sua orelha. – Sempre foi. Talvez seja o que causa tanto fascínio.

– Todos somos enigmas uns para os outros.

– Poucas pessoas são, para mim.

Devagar, ela tirou a mão dele de seu braço. Afastou-se e se recompôs.

– Lorde Easterbrook, já que organizou esta reunião inesperada, concordará em me auxiliar em minha missão. Em nome de nossa velha amizade em Macau, por assim dizer.

Ele franziu o cenho diante da forma como ela retomava a conversa, como se nada tivesse acabado de acontecer.

– Depende do tipo de auxílio que pedir, Leona.

– Gostaria de ser apresentada a seu irmão, lorde Hayden Rothwell.

– O que quer com Hayden?

– Disseram-me que ele deve conhecer os comerciantes e investidores que vim encontrar em Londres.

Ele pareceu entediado com um pedido tão simples.

– Marcarei um encontro para se conhecerem, se assim deseja.

– É muita gentileza sua. Fico grata. Agora... embora ver velhos amigos seja sempre agradável, esta visita inesperada atrasou meus planos para hoje. Tenho permissão para sair? Já terminamos?

Ele a olhou de forma mais deliberada. Não deu importância ao fato de Leona ter acabado de dispensá-lo.

– Não estamos nem perto de terminar, Leona.

– Ao meu ver, não resta mais nada a tratar, lorde Easterbrook. Por favor, aceite minha decisão a esse respeito.

Fez-se um silêncio tenso, não mais de dez segundos, ela calculou. Nesse breve instante, ele pareceu estar tomando uma decisão. O ambiente íntimo, a cama, os travesseiros e os tecidos sensuais, deixaram de ser mero pano de

fundo e se transformavam em argumentos visuais que evidenciavam por que seria agradável não encerrarem a visita.

Ela desejou poder invocar raiva, indignação ou orgulho para sustentar suas defesas. Desejou poder afirmar que aquele beijo não a tentara. Na verdade, um pequeno redemoinho girava em seu coração e seu corpo doía devido ao intenso desejo que os atraía de forma alucinante.

– Sempre teve permissão para sair – afirmou ele. – Não há nenhum guarda na porta.

– Pois então darei prosseguimento à minha excursão vespertina. Tenha um bom dia, lorde Easterbrook.

Ela pegou seu chapéu e caminhou até a porta com pernas que mal a deixavam andar.

– Leona.

O chamado baixo fez com que ela parasse logo após abrir a porta. Aquela voz fez um tremor traiçoeiro percorrer todo o seu corpo.

– Leona, parece que você não é tão inocente e sem controle de si.

Ela voltou a olhar para ele, que parecia muito arrojado em mangas de camisa, colarinho aberto e botas de cano alto. Mais forte do que ela se lembrava. Mais arrogante também. Houve momentos tocantes em que Edmund fora vulnerável de maneira que ela suspeitava que Easterbrook nunca seria.

– É uma despedida peculiar, lorde Easterbrook. Talvez eu fuja e me esconda, como previu.

– Não estou preocupado com isso. Suas missões a manterão por perto. E dessa vez, Leona, antes que qualquer navio leve um de nós, você será minha.

CAPÍTULO 3

– Por favor, explique o que quer, lorde Easterbrook. Descreva enquanto analisamos juntos seu reflexo no espelho.

Christian olhou para o espelho. Um rosto redondo olhava por cima de seu ombro.

– Quero que corte. É isso que você faz, não é?

O rosto de lua sorriu com uma falsa modéstia.

– Eu não apenas corto, lorde Easterbrook. Eu dou forma. Eu moldo. Sou um artista. Assim com um escultor não apenas entalha, eu...

– Sim, sim. Bem, seja um artista. Mas não exagere.

O rosto desapareceu. Duas mãos gorduchas levantaram os cabelos, pesaram, refletiram, julgaram.

Uma tesoura surgiu.

– Deixaremos seus cabelos com as ondas naturais, só vou domá-los um pouco e manter o comprimento nessa altura – falou, fazendo a tesoura tocar o ombro de Christian.

Christian fechou os olhos, não para evitar ver os cachos caírem, mas para bloquear a intensidade que o artista emanava ao esculpir.

O núcleo escuro não se formaria agora, mas, com seus pensamentos, ele conseguia bloquear a própria sensibilidade. Ele vinha praticando nos últimos dias para alcançar aquele estado com mais facilidade. Precisaria disso nas semanas seguintes.

Visualizou Leona partindo do encontro enquanto a observava da janela de seus aposentos.

Ela fizera uma pausa antes de entrar no coche. Olhara para a fachada da casa de cima a baixo, na direção da janela onde ele estava. Não o vira, disso ele tinha certeza. Ela nunca permitiria que seu rosto mostrasse tanto se soubesse que ele a observava.

A raiva dela fora óbvia. E a indignação. Além disso, o que ele havia captado? Constrangimento? Provavelmente. Só que havia mais alguma coisa em seus olhos. Preocupação? Desconfiança? Mágoa?

Ele nunca tinha certeza com Leona. Ela possuía uma capacidade notável de escapar à percepção dele a respeito das emoções de outras pessoas. Pouquíssimas pessoas em sua vida haviam se revelado imunes a ele, mas, com relação aos sentimentos de Leona, ele era tão ignorante quanto qualquer um.

Exceto quando se tratava de desejo. Ele não precisava ter um dom especial para sentir isso em uma mulher nem para perceber que ela correspondera ao beijo.

Nada mudara nela, apesar de fingir o contrário. Assim que entrou naquele quarto, ele viu que a atração entre eles havia se manifestado com a intensidade de antes. A realidade fora bem mais intensa do que as lembranças, e as lembranças continuavam nítidas. Depois de sete anos, era surpreendente que ele não a tivesse possuído de imediato.

Seria preferível se ela simplesmente aceitasse o modo como as coisas eram entre eles, e o que aquilo significava. Como tinha que ser. Parecia que, em vez disso, ela o faria persegui-la, o que significava alterar seus hábitos por um tempo.

Que fosse.

Mãos se moviam por seu rosto como insetos grandes e irritantes. Barulhos de tesoura invadiam suas lembranças daquele beijo revelador. De repente, todos os sons cessaram. Christian abriu os olhos. Um rosto arredondado novamente surgiu sobre seu ombro no espelho.

– Ficou do seu gosto, lorde Easterbrook? Acho que ficou muito bom.

Os cabelos estavam quase iguais a antes, apenas um pouco mais curtos e menos revoltos. Se o artista considerava que estava elegante o bastante, era provável que tivesse razão.

– Não está ruim.

O barbeiro se retirou, levando o estojo de tesouras e cremes. Christian chamou seu pajem.

– Senhor?

– Mande buscar o alfaiate.

Confusão. Preocupação. Pobre Phippen. O desfile matutino de mensageiros, comerciantes e outros visitantes o deixara aflito. A atividade atípica sugeria que os piores rumores a respeito da sanidade de seu senhor eram verdadeiros.

– Posso perguntar, meu senhor... qual alfaiate? Weston? Stulze?

– Mande chamar Davidson – ordenou alguém.

Phippen ficou surpreso e olhou para o homem que tinha acabado de entrar no quarto de vestir.

– Devo, de fato, mandar buscar o Sr. Davidson, como recomenda lorde Hayden?

– Nossa família utiliza os serviços de Davidson há anos. Se lorde Easterbrook menciona um alfaiate, é a esse que se refere – confirmou Hayden. – Christian, desde quando se encontra com ele antes da primeira prova? Ele tem suas medidas, e você sempre faz a encomenda e o deixa decidir tudo. E como você raramente sai de casa, há ainda menos motivos para tantos cuidados.

– Phippen, mande dizer a Davidson que é hoje à tarde – falou Christian.

~

Hayden deixou-se cair sobre uma cadeira. Seus olhos vagaram pelo quarto de vestir, mas logo se fixaram no único outro ocupante.

Seus olhos azuis focaram nos cabelos de Christian. *Estava curioso. Extremamente curioso.*

– Parece que está recebendo muitas pessoas hoje, Christian. Alfaiates. Barbeiros também, a menos que eu esteja enganado. Além de *mim*.

Christian se acomodou em outra cadeira estofada. O quarto de vestir tinha cinco delas, todas um tanto desgastadas, agora notava.

– Meu pedido foi inconveniente?

– "Esteja aqui antes do meio-dia" não é um pedido.

– Escrevi isso? Minha intenção era: *Por favor, venha à minha casa antes do meio-dia, se sua querida esposa não precisar de você.* Como está ela?

– Não falta muito. Uma quinzena, no máximo.

Orgulho. Amor. Medo também. A última emoção, tão rara em Hayden, podia ser entendida em um homem cuja esposa estava prestes a dar à luz.

– O que você quer? – perguntou Hayden.

– Gostaria de apresentá-lo a uma pessoa.

Hayden estreitou os olhos e focou de novo nos cabelos de Christian, depois olhou para a porta como se lembrasse da tarefa de Phippen com a vestimenta.

– Essa pessoa é uma mulher?

– Sim.

– Espero que não vá pedir que recebamos sua amante. Ouvi rumores de que andou se encontrando com a Sra. Napier. Nessas circunstâncias, levando em consideração a prima de Alexia, Rose, e a delicada situação resultante com respeito à sociedade, eu preferiria esperar até...

– Não é uma amante. Não é a Sra. Napier, certamente. É uma velha amiga. Ela me pediu para conhecê-lo e eu concordei em intermediar a apresentação.

– Presumi que não tivesse amigos, antigos ou novos, homens ou mulheres.

– Pois presumiu errado, o que costuma fazer às vezes. Essa amiga vem de Macau e está em busca de contatos comerciais.

Hayden se levantou e caminhou até o toucador. Distraidamente, passou os dedos sobre as escovas que estavam lá, depois se virou e cruzou os braços.

– Macau?

– O pai dela era um comerciante licenciado pela Companhia das Índias Orientais. Fazia negócios entre os portos da Índia. Como muitos outros, ele expandiu sua atuação para o comércio entre a Índia e alguns outros países asiáticos.

– Sei o que eles fazem, Christian. Eu sou responsável pelas finanças da família.

– Perdão. Pois Montgomery e eu ficamos amigos quando visitei a região. Ele havia se casado com uma mulher de família portuguesa em Macau. Conseguiu se estabelecer por meio do parentesco e participar do comércio chinês via Cantão, além do comércio costeiro na Índia. Agora, sua filha veio para Londres e...

– *Você* esteve *em Macau?*

A estupefação de Hayden foi quase palpável.

– Foi durante aqueles anos em que você desapareceu?

– Nunca mencionei Macau?

– Raios, não! Nunca revelou um só detalhe sobre aquele período em que abandonou sua família, seus deveres... *tudo*.

– Não tinha ideia de que nunca havia falado sobre isso.

– Que diabos, você ignorou todas as perguntas que fizemos. Se não tem consciência disso, é devido ao seu extremo egocentrismo e...

– Então, por fim, satisfaço sua curiosidade. Conheci a Srta. Montgomery quando estive em Macau. Seu irmão agora herdou os negócios do pai, que passaram por diversos infortúnios quando ele ainda estava vivo, e dos quais duvido que tenham se recuperado completamente. Ela está em Londres para fazer contatos que possam beneficiar os negócios do irmão e pediu especificamente para conhecer você.

– Onde mais esteve? Além de Macau?

– Índia. Tibete. Na própria China, por duas semanas, embora quase tenha sido pego. Rússia...

– *Tibete?*

– Todo tipo de lugar, Hayden, mas você desviou do assunto que eu tinha em mente.

– Não me importa o que você tinha em mente.

A raiva de Hayden crepitava e incomodava Christian, que raramente tolerava tais intromissões, exceto dos dois irmãos. Uma pessoa não pode viver no núcleo escuro o tempo todo, e, afinal, conhecer as alegrias dos irmãos mais do que equilibrava o conhecimento de suas dores.

Ele esperou até a pequena explosão de Hayden diminuir. Seu irmão era o mais racional dos homens. Os ventos logo se dispersariam.

– Acredito que a Srta. Montgomery permanecerá na cidade por pelo menos duas semanas – falou Hayden com uma tranquilidade afável que combinava com uma calma renovada, porém tênue. – Não estou com cabeça para finanças e negócios no momento.

– A apresentação pode esperar até o nascimento de seu filho, se é disso que está falando.

– Então mande outra de suas convocações imperiais quando chegar a hora, Christian, e trataremos disso.

Ele foi até a porta.

– Rússia e Tibete. Raios!

Com a partida de Hayden, a lembrança da visita de Leona voltou. Mais uma vez Christian viu seu rosto antes que ela entrasse na carruagem e seguisse para seus compromissos.

Ficou imaginando que compromissos seriam esses. Não questionava que ela estivesse em Londres para favorecer os negócios do irmão. Apenas duvidava que tivesse esquecido ou perdoado o modo como esses negócios quase foram destruídos sete anos antes.

Ele caminhou até o quarto de vestir do cômodo em que praticava esgrima. O espaço agora servia de depósito, era um lugar onde ele armazenava itens pessoais que já não usava. Enquanto remexia em caixas de madeira e baús, seu olhar se voltou para uma parede coberta por quadros que exibiam insetos, folhas de samambaia e sementes.

Você gasta muito tempo com essa coleção, Christian. Era melhor que lesse livros ou praticasse com suas pistolas. Um filho meu não será um desses esquisitos que perseguem borboletas.

Ele já lera muitos livros e praticara muitas horas com sua pistola. Livros e armas, assim como coleções, eram coisas com que podia lidar a sós.

Na verdade, ele não se interessava por insetos e sementes. Eram uma desculpa para sair para florestas e campos, onde seria poupado de perceber e, frequentemente, sentir a dor da infelicidade de outra pessoa. Havia muito sofrimento em sua casa, na sua juventude.

Puxou um baú e o abriu. Repleto de fragmentos de dois anos de viagens, oferecia poucas lembranças importantes. O objetivo real daquela viagem fora escapar, não descobrir. Tinha sido acidental que resultasse em descobertas.

Ele jogou de lado estatuetas e tecidos excêntricos. No fundo, havia um diário espesso. Ele o pegou, depois ficou com a mão sobre a capa de couro marrom.

Nunca o lera. Tinha motivos para não querer saber o que guardava e para achar que os escritos revelariam aspectos obscuros da vida de seu pai. Poderiam trazer à luz segredos que permaneciam enterrados.

O último marquês havia esgotado sua cota de pecados, e Christian há muito decidira não tomar conhecimento deles. A ignorância fora um caminho para a libertação. Ele não queria voltar a entrar naquele lamaçal de culpa herdada e obrigações.

Nesse momento, no entanto, poderia ser prudente abrir o diário. Leona havia mentido durante a reunião dos dois. Ele não precisava ter nenhuma sensibilidade especial a respeito das emoções dela para saber.

Tinha quase certeza de que ela não viajara para Londres simplesmente para ajudar o irmão. Também estava lá para terminar a cruzada do pai. Se o pai

estivesse levemente certo em suas teorias, ela poderia estar caminhando na direção de problemas.

Na certa, ela suspeitava que Edmund pegara as anotações que seu pai fizera ao investigar suas suspeitas. Se um homem e um objeto desaparecem ao mesmo tempo, apenas um idiota não vê uma possível relação.

Ela poderia ter pedido que Edmund devolvesse o diário. No entanto, o mais provável era que não confiasse a um marquês nada que se relacionasse a essa segunda missão.

Ele contemplou o diário por um bom tempo. Então fechou o baú. Leria, se preciso fosse, mas duvidava que chegasse a esse ponto. Pretendia manter Leona muito próxima dele e a desviaria desse caminho em particular, caso ela tivesse se arriscado a segui-lo. Voltou para o quarto de vestir. Havia mais uma tarefa a cumprir.

Mandou chamar Miller.

– Leve isso para a Sra. Napier. Transmita-lhe meu pesar por não visitá-la esta noite.

Miller sentiu o peso da caixinha na mão. Seu conteúdo fora comprado de um comerciante que passara por lá pela manhã.

– Nenhum bilhete?

– O colar é toda a explicação necessária.

Miller olhou para a caixa com repulsa.

– Espero que ela não faça cena. Algumas mulheres fazem drama quando são abandonadas.

– Não haverá drama. A Sra. Napier só é capaz de expressar dois tipos de emoção com intensidade: desejo e ambição. É esperta o bastante para saber que a satisfação da primeira é fugaz, enquanto a da segunda dura para sempre.

– Sei que não me cabe dizer, senhor, mas assim ela parece um pouco insensível.

– Não mais do que a maioria das pessoas, infelizmente. Não mais do que eu e você, isso é certo.

Miller sorriu, satisfeito por ter sido incluído no mesmo círculo de um marquês, mesmo que de um marquês insensível.

Miller saiu para entregar o presente. Christian presumiu que ele levaria embora, junto com o presente, boa parte de seu conforto físico dos últimos tempos.

Lidar com mulheres era a parte mais complicada de sua vida. Era impossível manter um romance quando se sentiam não apenas o desejo e as alegrias do ser amado, mas também suas decepções, seus momentos de ódio e seus rancores.

A lasciva e insensivelmente prática Sra. Napier tinha sido, ele precisava admitir, a amante perfeita para o amaldiçoado marquês de Easterbrook.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br